

COOPERATIVISMO: O CORAÇÃO QUE COMEÇA, SE APROXIMA E COMUNGA

Da adesão livre ao interesse pela comunidade, o cooperativismo revela um só movimento: começar sem ser chamado, aproximar-se sem impor distância e florescer numa comunhão que ultrapassa os próprios muros. É a doutrina que transforma trabalho em vocação, capital em instrumento e economia em cuidado concreto pelo outro, provando que nenhuma cooperativa nasce para lucrar sozinha, assim como nenhuma família se sustenta apenas para ganhar dinheiro.

1. A INICIATIVA: O COMEÇO DO SERVIÇO

Tudo começa numa ação soberana e gratuita, não numa cobrança. Ninguém precisa provar mérito para merecer ser chamado a cooperar, nem a comunidade precisa suplicar para que alguém se disponha a servir primeiro. A adesão livre é o símbolo máximo dessa iniciativa pura. Antes que o outro dê o primeiro passo, quem lidera já se colocou a caminho. É um compromisso que não espera ser buscado; toma a dianteira, assume a postura de serviço e se antecipa para resgatar o que estava perdido, seja uma comunidade sem representação, seja uma família sem sustento. O começo de toda liderança cooperativa não é o esforço de alguém para ser reconhecido, mas o impacto de sermos alcançados pela iniciativa de quem decidiu agir primeiro.

Martin Buber ensinava que a existência humana só se realiza no encontro, e a cooperativa nasce exatamente desse encontro que ninguém impôs, mas que alguém teve a coragem de propor primeiro (BUBER, 1923).

Leia: ESPÍRITO EMPREENDEDOR E COOPERATIVISMO: A ALIANÇA QUE NASCE DE DENTRO

2. A PROXIMIDADE: O AGACHAR-SE E O CAMINHAR JUNTO

Uma liderança que apenas comanda do alto seria uma autoridade distante. Mas o cooperativismo autêntico manifesta a proximidade radical. Quem dirige se agacha até a estatura de quem trabalha. Não resolve a dificuldade alheia por decreto; entra na dificuldade junto com o outro. Ao assumir a mesma carga, como os bois que dividem o peso no campo, o líder coloca o próprio pescoço ao lado do pescoço do associado. Caminha junto. Essa proximidade significa que as fadigas, o cansaço e as dificuldades de um tocam diretamente a rotina do outro. Não há distância entre quem decide e quem produz quando os dois batem no mesmo compasso da gestão.

Emmanuel Levinas dizia que a responsabilidade verdadeira nasce quando o rosto do outro nos convoca, e é essa convocação que faz o dirigente descer da cadeira e sentar ao lado do associado (LEVINAS, 1961).

Leia: LIDERANÇA EM AMBIENTES HÍBRIDOS: PROXIMIDADE ALÉM DA DISTÂNCIA

3. A COMUNIDADE: O CENTRO QUE UNE OS MEMBROS

O resultado que sai da cooperativa retorna a ela, fortalecido, depois de alimentar toda a comunidade ao redor. Esse é o centro comunitário do cooperativismo. Ele não atrai os indivíduos para o isolamento, mas para a comunhão. Ao se aproximar de uma cooperativa verdadeira, cada pessoa é imediatamente conectada às demais. Ninguém pode dizer que valoriza o coletivo se despreza o colega que caminha ao lado. O cuidado deixa de ser uma intenção invisível e ganha visibilidade na comunidade. A cooperativa se torna o corpo vivo onde esse centro pulsa, enviando cada associado para expressar o mesmo compromisso solidário e acolhedor no território onde vive.

Paulo Freire insistia que educar é sempre um ato de comunhão, nunca de posse, e o interesse pela comunidade é a prova cooperativa dessa mesma verdade: o que se aprende junto, se devolve junto (FREIRE, 1968).

Leia: AMOR, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: O CAMINHO DO PROGRESSO COOPERATIVISTA

O CENTRO QUE COMANDA A VIDA COOPERATIVA

Compreender esse centro como aquilo que comanda tudo significa descentralizar o próprio ego. Quando ele assume o comando e abarca todas as partes da vida institucional, a inteligência é iluminada pela sabedoria dos mais simples, a vontade ganha a força da fidelidade ao propósito coletivo, e os interesses pessoais são purificados do egoísmo.

Esse centro não é estático. É um movimento constante de recolher e enviar: recolhe os associados para lhes dar formação e descanso, e os envia ao território para serem, na comunidade, a continuidade dessa mesma iniciativa e dessa mesma proximidade solidária.

PENSADORES QUE ILUMINAM ESSE MOVIMENTO

BUBER, Martin. Em *Eu e Tu*. (1923), funda a filosofia do encontro como base de toda relação humana autêntica.

LEVINAS, Emmanuel. Em *Totalidade e Infinito*. (1961), coloca a responsabilidade pelo outro como origem da própria ética.

FREIRE, Paulo. Em *Pedagogia do Oprimido*. (1968), trata a educação como prática de liberdade construída em comunhão, nunca isoladamente.

MARITAIN, Jacques. Em *Humanismo Integral*. (1936), defende a pessoa humana como centro de uma sociedade organizada para o bem comum.

BAUMAN, Zygmunt. Em *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. (2001), analisa o desejo humano de pertencimento diante da fragmentação da vida moderna.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é agrônomo, filósofo, teólogo, psicopedagogo e Diácono Permanente, com formação de pós-graduação nas áreas de Filosofia, Teologia e Psicopedagogia. Construiu atuação profissional dedicada à extensão rural como extensionista e Diretor Estadual da Epagri/SC, e como consultor da Emater-RS/Ascar nas áreas de Comunicação, Juventude e Mulher. Hoje é palestrante profissional, com estrutura própria voltada ao Cooperativismo e à Agrosafia, eixos que sustentam sua atuação em www.ainor.com.br e www.loterio.com.br. Sua trajetória une a experiência de campo à reflexão filosófica, sustentando a leitura do cooperativismo como movimento vivo de iniciativa, proximidade e comunidade.